sintoma... ou angústia

Dominique Fingermann

Je suis aux prises avec un sentiment qui me révèle que je ne puis l'éprouver et c'est à ce moment que je l'éprouve avec une force qui en fait un inexprimable tourment. Et cela n'est rien, car je pourrais le ressentir autre qu'il n'est, effroi ressenti comme jouissance. Mais l'horreur est qu'en lui s'ouvre la conscience qu'aucun sentiment n'est possible, comme du reste nulle pensée et nulle conscience. Et l'horreur pire est qu'en l'appréendant, loin de le dissiper comme un fantôme qu'on touche, je l'accrois au-delà de tout mesure... Tous les sentiments rejaillissent hors d'eux même et convergent détruits, abolis, vers ce sentiment qui me pétrit, me fait et me défait et me fait douloureusement sentir, dans une totale absence de sentiment, ma réalité sous la forme du néant. Sentiment qu'il faut bien nommer et que j'appelle l'angoisse.

Maurice Blanchot

o tratamento do pior pelo mal

A clínica psicanalítica suporta o real impossível de suportar. Dizer "a clínica" é uma maneira de dizer "o dispositivo analítico" ("cujo real toca o real"[1]) ou, mais precisamente, o psicanalista: o desejo do analista suporta o real impossível de suportar. Isso significa que o desejo do analista agüenta e dá sustentação ao inarticulável, ao inimaginável, ao impensável.

O sintoma também faz isso. Para cada um, para qualquer um, o sintoma suporta o real impossível de suportar. Eis um ponto de interseção entre o psicanalista e o sintoma. O dispositivo analítico proporciona vários outros, e o percurso de uma análise explora e desenvolve diversas modalidades de encontro entre o psicanalista e a "varidade"[2] (tanto sua verdade quanto sua variedade) do sintoma.

A angústia, ela é insuportável. Seu instante indica o real impossível de suportar. O real impossível de suportar não tem remédio, mas tem tratamento: o sintoma é um deles, o psicanalista outro. Há outros tratamentos.

[1] Lacan. ... Ou pire. Compte rendu du séminaire 1971-1972 (2001, p.548).

[2] Varidade é tradução do neologismo *varité*, usado por Lacan no seminário *L'Insu que sait...*, aula de 19 de abril de 1977: "il faudrait voir s'ouvrir la dimension de la vérité comme variable, c'est à dire de ce que, en condensant comme ça les deux mots, j'appelle la variété avec un petit e avalé, la varité".

A angústia não é um tratamento possível do real. A angústia não é tola – não é *dupe*[3] nem do pai. Ela não se deixa enganar tão facilmente, nem engana, a angústia escancara: o real é impossível de suportar mesmo. Na maioria das vezes, a angústia é um momento ruim de passar, mas passa. Quando a angústia perdura, perdura como perda pura, sem o pai, sem ser *dupe* nem pato(lógico), então o sujeito pode ficar tomado, suspenso nos pontos de suspensão, nas reticências do sujeito, no furo do significante, no dizer que "não há". O sujeito pode ficar suspenso, preso, siderado no real, identificado à perda pura.

[3] Em francês, seria: "ni dupe, ni du père". Referência ao seminário *Les non dupes errent* e à tese de Lacan, que localiza o neurótico como tolo [*dupe*] se deixando abobalhar pelo pai, i.é, pela metáfora paterna.

O melancólico não *passa* pelo real como impossível de suportar, o melancólico *fica na pior*. A melancolia parece um instante infinitizado de angústia em perpétuo *slow-motion*. Ao ser indagado sobre o que precisava fazer para ligar para fulano, um sujeito tomado em sua melancolia respondeu:

– Preciso pegar o telefone!

– Sim, mas o que há entre a intenção e o telefone?

– Há "Não vale a pena, errei, tentei, estraguei, perdi, não deveria, não deveria ter sido, não vou conseguir, não há esperança...".

Entre a intenção e o telefone, há o real impossível de suportar. *Unbeträglich*[4], insuportável, intolerável, incompatível, inconciliável, diz Freud para localizar o que, na experiência da existência, não se liga, não associa, não representa e constitui o trauma original do nascimento do sujeito. É real o inconciliável do sujeito e sua causa, é irremediável o trauma do "não há relação sexual". Cada milímetro do gesto é impedido pela impossibilidade de relação (entre qualquer manifestação do sujeito e o que ele é *realmente*), cancelado pela vaidade do artifício – "É inútil, não serve para nada", como diz geralmente o melancólico.

[4] Freud. Lettres à W. Fliess (1896/1986).

O melancólico não tem sintoma, ele é angústia; ele não faz "letra"[5], ele é "litter" – rasura, lixo, dejeto, o próprio "abjeto"[6], identificado ao objeto que não há.

[5] Letra, do francês *lettre*, que Lacan faz rimar com *l'être*, o ser, a marca do ser, ou do a-sujeito.

[6] Abjeto, do neologismo *abjet*, usado por Lacan em Télévision (1973/2001, p.525)

do mal ao pior

O sintoma é, então, um tratamento do real, uma resposta à angústia. O sintoma trata o pior com o mal – que se declina com todas as formas possíveis do sinto-mal: mal-estar, mal-entendido, mal comido, mal dito.

Uma análise não começa sem sintoma (o tratamento do pior pelo mal) e não termina sem angústia. Pode-se dizer, portanto, que a psicanálise é um tratamento do mal pelo pior. Mas aí não permanece, não fica na pior.

O ensino de Lacan indica o caminho do fim, a direção da saída, como o "sens-issue"[7], "o melhor que se possa esperar de uma análise no seu fim"[8], caminho da letra que não hesitou em chamar várias vezes de *bon-heur* [boa hora].

Um passante, no dispositivo do passe, pode contar como passou várias vezes – idas e voltas – de sintoma a angústia e retornou, até que, enfim, conseguiu optar por ficar por aí – no melhor que se possa esperar de uma análise no fim –, em algo que faça letra, que faça as vezes de um ponto de ser.

o troumatismo[9] do nascimento

Se uma análise não começa sem sintoma, como começa a vida do sujeito? Com sintoma ou angústia? A vida do sujeito começa com o desejo do Outro – não tem jeito. Desde o início, esse desejo se apresenta como enigma, incógnita, embate traumático com a alteridade. O Outro ama ou deixa, devora ou abandona, isso é real. A angústia do nascimento é um mito ao qual Freud recorre para descrever o fenômeno fisiológico da angústia, mas que pode servir também para dizer desse momento "zero" do sujeito – como efeito de real, em que a derrelição, a *Hilflösigkeit*, suspende o sujeito no desejo enigmático e improvável do Outro.

Em um de seus primeiros matemas, Lacan escreveu esse início pela angústia:

$$\frac{\text{Nome do pai}}{\cancel{\text{Desejo da mãe}}} \qquad \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{X}}$$

Na metáfora paterna, o "X" designa a incógnita do sujeito suspensa no capricho do Outro. O Nome do Pai é "letter" enquanto ele rasura o desejo da mãe, mas é também *significante* que substitui, metaforiza e desloca essa suspensão incerta ao desejo materno, identifica o sujeito a partir dessa rasura e, pela primeira vez, inaugura a dimensão sintomática. Sintoma e angústia, portanto, estão inseridos e articulados nas origens edipianas do sujeito.

É interessante ler, nas *Novas conferências* de Freud, a seguinte observação: "Em nossa opinião, o investimento do objeto materno tinha sido transformado em angústia e, depois ligado ao substituto que é o pai, tinha se manifestado pelo sintoma"[10].

Em sua "práxis da teoria" oriunda da clínica, Freud nunca cessou de explorar as relações recíprocas entre o fenômeno da

[7] *Sens-issue*: expressão usada por Lacan no texto Discours à l'EFP (2001, p.266). O trocadilho transforma o impasse do *sans issue* [sem saída] no passe do *sens-issue*, sentido extraído, deduzido.

[8] Lacan. Liturraterre (1970-1971/2001, p.11).

[9] Lacan. *Le Séminaire: Les non-dupes errent 1974-1975* (Inédito: aula de 19 de fevereiro de 1974): "nous inventons un truc pour combler un trou dans le réel. Là où il n'y a pas de rapport sexuel, ça fait troumatisme".

[10] Freud. *Nouvelles conférences sur la psychanalyse: L'Angoisse et la vie instinctuelle* (1932/1971, p.114).

angústia e a formação dos sintomas. A angústia é essencialmente um fenômeno de tensão, suspensão, questão, uma situação psíquica de espera, sem articulação nem ligação, em ruptura e radical disjunção com tudo que há. Vejamos como ele descreveu o fenômeno: "aparição no psiquismo de um estado de tensão ressentido como um desprazer e do qual não se pode libertar com uma descarga [...] impossível de descartar segundo o princípio do prazer".

O sintoma, por sua vez, é da ordem da resposta, da solução, da articulação, da ligação psíquica, da metáfora que substitui um representante ao gozo pulsional. Diz Freud:

> Existe uma relação muito importante entre a produção da angústia e a formação dos sintomas. Observe-se aí uma ação recíproca – os dois fenômenos podendo substituir-se mutualmente, a produção inicial de angústia é barrada pela formação do sintoma. [...] Parece que a produção da angústia precede a formação do sintoma, como se os sintomas tivessem sido criados para impedir a aparição do estado ansioso.[11]

[11] *Ibid.* p.112

a psicanálise não protege da angústia

Essa simetria negativa entre a produção de angústia e a formação de sintoma explicita a constatação clínica que, embora evidente, não deixa de espantar os analistas, apesar do aviso de Freud: "A formação de sintoma [...] protege do acesso de angústia. É o inverso que constatamos quando se tenta intervir na formação do sintoma".[12]

[12] *Ibid.*

Portanto, se a operação analítica é a operação do sintoma[13], essa via não será praticável sem o manejo da angústia surgida ao tocarmos na consistência do sintoma com o trabalho da transferência, que o põe em questão. Quando alguém resolve procurar um psicanalista, na maioria das vezes seus sintomas perderam a função de preservá-lo da angústia. É com o sintoma, no entanto, que começa a experiência de uma análise. O "sintoma analítico" consiste na inclusão do analista como complemento do sintoma, para permitir, em seguida, que se opera sobre ele, não sem angústia. Operar o sintoma é abrir "seu invólucro formal"[14], a resposta a que ele dá consistência, para saber qual era a questão que o sujeito pretendeu responder com esse artifício. Fazer questão do sintoma, transformá-lo em questão do sujeito pela operação do *sujeito suposto saber* é descobrir aquilo que o invólucro formal encobria: uma variedade de formas remetendo ao mesmo molde. Nessa descoberta, des-

[13] Lacan. Du sujet enfin en question (1966, p.234)

[14] Lacan. De nos antécédents (1966, p.66).

cobertura, des-velamento, constrói-se, revela-se, evidencia-se o axioma, o "enforme"[15], o molde fantasmático de todas as formas do sintoma.

[15] Lacan. *O seminário: De um Outro ao outro 1968-1969* (Inédito: aula de 14 de maio de 1969). Palavra antiga do francês que designa a forma usada para moldar um chapéu de feltro e Lacan utiliza para falar do objeto *a*.

o fantasma, por pior que seja...

Esse molde fantasmático articula de maneira peculiar o sujeito com o objeto ($\$ \lozenge a$). O fantasma *institui* o sujeito, ancora, amarra sua deriva a partir de uma interpretação do desejo do Outro que se fixa em uma matriz significativa válida para todas as manifestações sintomáticas do sujeito. O fantasma, por pior que seja, é confortável, porque dá forma e contorno à incógnita do desejo do Outro.

Em *Thomas l'obscur*, Maurice Blanchot oferece várias soluções fantasmáticas que realizam o "não sou" do "cogito blanchotiano": "Eu penso, logo não sou"[16], explicitado e romanceado nessa obra. O "não sou" se realiza nas "formas monstruosas do sem forma", como, por exemplo, o aparecimento fantástico, "obsceno e feroz" – das próprias palavras do livro que Thomas lê – de ratos medonhos que o devoram para logo em seguida serem comidos por ele[17]. Ou ainda o personagem Anne, "cuja morte era uma astúcia para dar corpo ao nada"[18]:

> [...] no âmago deles mesmos havia algo como um ideal funesto, um vazio do qual eles sofriam a tentação, que eles ressentiam como uma pessoa de uma realidade tão completa e tão importante que lhes era necessário preferi-la mais que qualquer outra, até mesmo ao preço de sua existência. Então se abriam as portas da agonia e eles se precipitavam no seu erro. Eles se diminuíam, esforçavam-se para se reduzir a nada para corresponder a esse modelo de nada que tomavam por modelo de vida.[19]

[16] Blanchot. *Thomas l'obscur* (1999, p.114).

[17] *Ibid.* p.32.

[18] *Ibid.* p.102.

[19] *Ibid.* p.107.

Essas astúcias, essas formas do "eu não sou", formatam a "separação do sujeito", moldam-se e modelam-se a partir da angústia inicial e da consistência imaginária que se dá à falta do Outro nesse tempo da *causação* do sujeito em que "reside a torção por meio da qual a separação representa o retorno da alienação"[20].

[20] Lacan. Position de l'inconscient (1966, p.844).

do sintoma à angústia

O analista, incluído como complemento do sintoma, permite, em um primeiro tempo, que a resposta do sintoma e a astúcia que ele encobre sejam questionadas, perlaboradas, construídas. O que se constrói, é como as diversas soluções do sujeito

enganam a dor de existir, com as formas dadas ao objeto obturam a dor da sua falta essencial. Se constrói como as soluções sintomáticas tratam a questão do desejo do Outro, das maneiras mais variadas: *varidade* do sintoma que remete verdadeiramente a algumas formas específicas do objeto do desejo:

- *objeto fóbico*, que prende o desejo como impedido e prevenido;
- *objeto fantasmático*, nas formas que encenam (pantomima) o desejo como impossível ou insatisfeito (Anne e Thomas);
- *objeto fetiche* que curto-circuita o desejo.

No palco da transferência, montam-se essas cenas de versões do sintoma que, por um bom tempo, afastam a angústia. É na transferência, contudo, que o analista passa ao ato e trata o mal pelo pior, o sintoma pela angústia.

O desejo do analista entra em função para esvaziar as significações fantasmáticas do sintoma e devolve-lo à sua verdadeira função de separação. O desejo do analista causa e provoca a angústia para "extrair da angústia a certeza"[21], concluir que "não era nada – nada mesmo". A operação do analista, seu ato, consiste em fazer equivocar o sentido fixado, preso nessas formas dadas ao "não sou". Ao des-cobrir as respostas, no entanto, volta-se à questão e à angústia.

[21] Soler. *Artigos clínicos. Angústia na cura* (1991, p.64).

Onde a transferência encena – mostra – os diversos modelos de impasse do sujeito e de seu desejo alienado, o desejo de analista presentifica a alteridade radical e corta todo sentido possível – "demonstrando as aporias"[22] dos jogos neuróticos. O analista, incluído pela transferência no lugar de complemento do sintoma que confirme o sentido do sintoma, não opera desde esse lugar, mas desde a função "desejo de analista" – função real em que, dentro do dispositivo, "um real toca o real" e daí infirma o sentido do sintoma. Depois de uma análise, o sintoma fica sem sentido.

[22] Lacan. Discours à l'EFP (*op cit.*, p.266)

O desejo do analista demonstra as aporias do sentido, produz o *ab-sens*[23], a ausência de sentido [*sens-issue*], esvazia o sentido, produz o vazamento do sentido, e não sua fuga infinitizada[24]. É o equívoco da interpretação ("presto para *interprestar* o que perdura de perda pura"[25]) que opera o esvaziamento do sentido obturador. O equívoco denuncia a fixação de sentido que a neurose de transferência escancarava, produz o vacilo que estremece a instituição do sujeito e faz emergir a angústia que as significações fantasmáticas de todas as formas sintomáticas recobrem. O equívoco da interpretação faz perder o sentido da equivocação da transferência. A função desejo do analista

[23] Lacan. L'Etourdit (1973/2001, p.452)

[24] Lacan. Introduction à l'édition allemande d'un premier volume des Ecrits (1973/2001, p.553)

[25] Lacan. Télévision (1973/2001, p.545)

faz objeção ao amor de transferência que preserva da angústia e evidencia o sem sentido do desejo do Outro. O desejo do Outro não é sua demanda, nem é de nenhum outro particular, mas simplesmente a falha radical no saber do Outro, falha sem complemento possível. Há falha... há um objeto causador dessa falha. Há falha: não há proporção dos sexos possível.

O desejo do analista faz emergir a angústia, a angústia não engana a respeito desse objeto que divide o sujeito. A angústia é passagem forçada no caminho da destituição do sujeito, "a angústia é o afeto da destituição subjetiva"[26], diz Colette Soler.

[26] Soler. Variantes da destituição subjetiva (2002, p.11).

Portanto, o percurso de uma análise parte do sintoma – tratamento do real – para produzir a angústia, evidência do real, mas isso não é o fim da partida.

a reviravolta do sintoma

A angústia não é o fim da partida. Meu título anunciava um pouco mais que uma simples travessia do sintoma à angústia: "Sintoma... ou angústia". Esse anúncio ostenta alusões evidentes ao título do seminário de Lacan ... *Ou pire*, e também a um texto de Colette Soler chamado Identificação ao sintoma... ou pior[27]. O seminário de Lacan demonstra que tudo que se utiliza para completar as reticências, substituir, obstruir a falta radical de relação, é pior. Tudo o que, na melhor das intenções, recobre essa impossibilidade "leva de volta ao pior". "Não há relação sexual [...] ao sair disso, vocês enunciarão, dirão nada a não ser o pior"[28]. O título do texto de Soler é explícito, e parte desta premissa: "Quando Lacan diz que identificar-se ao sintoma é o que pode ser feito de melhor, ele deixa claro que há outras possibilidades... piores".

[27] Soler. L'identification au symptôme. . ou pire (1999, p.33).

[28] Lacan. *Le Séminaire: ... Ou pire (1971-1972)* (2000, p.10)

Vou partir desses argumentos para precisar dois pontos em relação à saída da análise e ao retorno do sintoma:

1. Ainda que a angústia seja passagem necessária de uma análise – passagem, momento crucial, momento de passe –, ela não constituiu o fim da análise (do mesmo modo que a angústia é passagem da organização psíquica, e não um fim). Em Nota italiana[29] Lacan adverte que, para que o desejo do analista funcione, não basta a destituição subjetiva, é necessário entusiasmo. Com efeito, se a angústia não for apenas um instante, mas um estado permanente, ela constitui uma relação de sideração a um desejo do Outro consistente e paralisador das operações possíveis do sujeito a partir do objeto *a* (na melancolia, mas também na obsessão, na síndrome do pânico, com a angústia transformada em sintoma). F Gorog[30] adverte

[29] Lacan. Note italienne (2001, p.309)

[30] Gorog. L'angoisse du clinicien par l'homme libre concerné (2000-2001, p.15).

que o que constitui a angústia é um mecanismo que faz aparecer no lugar que ocupa o *a*, objeto do desejo, alguma coisa, e que a estrutura da angústia é a mesma que a do fantasma. "Ficar na pior" – instalar-se na angústia – consiste em transformar o objeto do desejo em "alguma coisa" e obturar seu efeito causador.

2. A angústia, quando esvazia o objeto de consistência e o sintoma de sentido, deve ser uma passagem necessária de sintoma a sintoma. A angústia é a alavanca que faz bascular de um sintoma que completa, complementa a falta de proporção sexual, a um sintoma que suplementa, um mais Um, um a mais (sem dois), sintoma de suplência, e não de obturação. "Nossa escrita S_1, ela não faz o Um, mas o indica como podendo não conter nada, ser um saco vazio"[31], diz Lacan no seminário *Le sinthome. O sintoma coma letra não preenche, esvazia.*

[31] Lacan. *Le Séminaire: Le sinthome (1975-1976)* (1997: aula de 18 de novembro de 1975)

O manejo da angústia pelo desejo do analista permite que a separação não seja uma volta da alienação, e que o sintoma, no fim, chegue a esse ponto de *rebroussement*[32], de reviravolta, transtorno, em que ele volta em efeitos de criação, nos giros que, no fim das contas, fazem passar do discurso do mestre ao discurso do analista.

[32] *Ibid.*

O sintoma, assim, pode ser antidepressivo, mas não tranquilizador. Bem mais, ele desperta, desanestesia e desassossega. Ele passa e repassa pelo ponto de angústia em que o desejo do Outro não faz sentido. "Sin – a falha original – [...] é a vantagem de meu *sinthome* de começar por aí: a necessidade que não cessa a falha".[33]

[33] Lacan. Lacan. *Le Séminaire: Le sinthome (1975-1976)* (*op. cit.*).

Ele passa e repassa pelo pior da estrutura sem nunca se perder aí, contorna, pinta, borda, ainda um pouco... ainda sempre. Como diz Beckett, "é preciso continuar ainda um pouco, é preciso continuar ainda muito tempo... é preciso continuar ainda sempre". Porque, na vida, é necessário dar um jeito, *se débrouiller*, se virar com o real. Beckett sabe relatar isso: "Sim, na minha vida, já que precisamos dar esse nome a isso, houve três coisas: a impossibilidade de falar, a impossibilidade de calar e a solidão física. Nisso tudo tive de dar um jeito".

Indo direto ao que se pode esperar de uma psicanálise em seu fim, "o escritor", diz Blanchot, "se encontra nessa situação, mais e mais cômica, de não ter nada o que dizer, de não ter nenhuma maneira de escrevê-lo, mas de ser constrangido por uma necessidade extrema de sempre escrevê-lo"[34].

[34] Blanchot.

O sintoma, diz Lacan, é o que não cessa de se inscrever, única maneira de suprir verdadeiramente "o que não cessa de

não se escrever": *"Il faut l'écrire à tout prix le non rapport"* ["é necessário escrevê-la a qualquer preço, a não-relação"].[35]

O sintoma não cessa de inscrever não a proporção sexual, mas a não-proporção sexual.

O sintoma, para além da angústia, é um dizer de verdade. Se a angústia não engana e des-cobre o objeto, o sintoma equivoca, e por isso é verdadeiro – sempre meio dizer, opera com o objeto e faz vacilar o sentido, produzindo a mesma escroqueria que, na poesia, "faz com que um sentido seja ausente"[36] com o artifício da escritura que restitui a estrutura do nó borromeano, ou seja, realiza, torna real que o furo do simbólico seja inviolável.[37]

O equívoco promove a ruptura do *semblant* – que Lacan escreve *sens-blanc*[38]. É isso que faz letra, faz ser, parecer, cingindo o furo do sentido o mais próximo do ser.

[35] Lacan. *Le Séminaire: ... Ou pire (1971-1972)* (*op. cit.*, p.12)

[36] Lacan. *O seminário: L'insu que sait de l'une bévue c'est la moure* (*op. cit.*).

[37] Lacan. *O seminário: R.S.I.* (1974-1975) "C'est ça que veut dire le noeud borroméen, que le trou du symbolique est inviolable".

[38] *Ibid.* "Le réel c'est le sens-blanc par quoi le corps fait semblant dont se fonde tout discours".

referências bibliográficas

BECKETT, Samuel. *L'innomable*. Paris: Minuit, 1992.

BECKETT, Samuel. *Malone meurt*. Paris: Minuit, 1970.

BECKETT, Samuel. *Oh! Les beaux jours*. Paris: Minuit, 1986.

BLANCHOT, Maurice. *L'Espace litérraire*. Paris: Gallimard, 1995.

BLANCHOT, Maurice. *Thomas l'obscur – L'Imaginaire*. Paris: Gallimard, 1999.

BLANCHOT, Maurice. *Le Livre à venir*. Paris: Gallimard, 1998.

FREUD, Sigmund. Lettres à W Fliess. In: *La Naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1986.

FREUD, Sigmund. *La Naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1986.

FREUD, Sigmund. *Nouvelles Conférences sur la psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1971.

GOROG, Françoise. L'angoisse du clinicien par l'homme libre concerné. *Cahiers du Collège Clinique de Paris*. Paris, s/n, p.13-8, 2000-2001.

LACAN, Jacques. ...Ou pire: Compte rendu du séminaire 1971-2. In: *Autres ecrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. De nos antécédents. In: *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. Discours à l'EFP. In: *Autres ecrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. Du sujet enfin en question. In: *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. Introduction à l'édition allemande d'un premier volume des *Ecrits*. In: *Autres ecrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. L'Etourdit. In: *Autres ecrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: ...Ou pire (1971-1972)*. Paris: Association freudienne internationale, 2000. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. Le Séminaire: R.S.I. (1974-1975). *Ornicar?* Paris, n. 2, 1975.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: Dun Autre à l'autre (1968-1969)*: aula de 14-5-1969. Paris: Association freudienne internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: Les non-dupes errent (1974-1975)*: aula de 19 de fevereiro de 1974. Paris: Association freudienne internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: Le sinthome (1975-1976)*. Paris: Association freudienne internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: L'insu que sait de l'une bévue c'est la moure (1976-1977)*. Paris: Association freudienne internationale, 1998. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. Liturraterre. In: *Autres ecrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. Note italienne. In: *Autres ecrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. Position de l'inconscient. In: *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. Télévision. In: *Autres ecrits*. Paris: Seuil, 2001.

SOLER, Colette. *Artigos clínicos. A Angústia na cura*. Salvador: Fator, 1991.

SOLER, Colette. L'identification au symptôme... ou pire. *Link*. Paris, n. 5, p.32-8, nov. 1999.

SOLER, Colette. Variantes da destituição subjetiva. *Stylus*. Belo Horizonte, n. 5, p.11-38, out. 2002.

resumo

O sintoma é um tratamento do real, uma resposta à angústia. A angústia é a questão sobre o ser – incógnita radical do humano – que se molda em um suposto desejo do Outro, é a sensação do desejo do Outro. O sintoma trata o pior com o mal, que se declina em todas as formas possíveis do sinto-mal. Uma análise não começa sem sintoma e não termina sem angústia. A angústia, contudo, não é o fim da partida. O sintoma, para além da certeza da angústia que des-cobre o objeto, é um dizer de verdade, e seu equívoco faz vacilar o sentido. É assim que o sintoma retorna com efeitos de criação e não cessa de inscrever a não-proporção sexual.

abstract

The symptom is a cure for the real, an answer for anguish. Anguish is a question about the being, which is molded from a supposed desire of the Other. A symptom treats the worst with the evil, which is declined with all forms of sin and tone. A psychoanalysis doesn't begin without the symptom but doesn't end without anguish. However, anguish is not the game over point. From beyond the certainty of anguish the symptom returns as a statement of truth, since it is discovered as an equivocal meaning, unique possibility to never stop to inscribe the sexual non-relation, and then be able to have creative effects.